

*Breno Felipe A. de O. Gomes
Fernanda Cavalcanti de Mello*

A cidade e os currículos compondo com os habitantes imagens e sons

Os *espaçotempos* das artes de fazer e das artes de viver foram impactados por essa outra realidade imposta pela pandemia da Covid-19. O que dizer das escolas e das ruas vazias no passado muito recente? Segundo o arquiteto Jan Gehl (2019) a atividade de ver e ouvir é a mais comum e mais importante forma de contato entre as pessoas no espaço público. Ao longo da história fomos nos tornando seres lineares, frontais, horizontais, movendo-nos a 5 km por hora. E, assim, as cidades foram sendo moldadas, ao passo que nos moldaram também. As cidades, no sentido mais profundo do termo, é o *espaçotempo* que une sujeitos dispersos no planeta quando agem e acreditam em uma lógica global e globalizadora (FILHO, 2018). A cidade, portanto, é o exemplo de um mundo de representação simbólica comum aos cidadãos, os habitantes. Esse mundo simbólico é produzido constantemente desde a descoberta da linguagem. Certeau (2005) nos lembra que há uma política de autores manifesta nos cotidianos; aqueles que driblam e restituem realidades através das *táticas de caças*:

A prospectiva urbana requer que esses artistas desconhecidos recuperem seus direitos de autores da cidade, desde a 'tele até eletrônica', (...) uma democratização da expressão artística de restauração do velho e inovação. Inovação não é apenas contar com os planos esvaziados dessas vozes circulantes. Derrubar estruturas e impor outra no lugar, às

vezes, é uma operação mais de refazer o velho do que inovação. (CERTEAU,p. 198).

O contexto urbano, citadino, é composto por agentes de diversas classes, etnias e crenças, que constituem a paisagem e produzem significados às coisas. Estão nesse contexto tanto o artista renomado que expõe em um museu da cidade, quanto os praticantes do cotidiano que vivem o espaço da *polis* de maneira supostamente prosaica, comum, produzindo e dando conta da vitalidade dos territórios. São "bricolagens" as formas de lidar e produzir sentido com as referências das diversas fontes do passado, do presente, dos centros e das margens. As colagens são invenções combinando citações passadas com extratos de presentes como uma escuta e como uma visão perceptível para maiores distância, tornando visível os discursos ocultados, esmagados em muitas camadas de tempos e de espaços. Dessa forma, as cidades visíveis nas mãos dos estetas governantes, aqueles que decidem os restauros e as demolições, podem despertar as "histórias que dormem", que estão nas memórias das ruas e precisam ser restauradas. Quando o arquiteto, como nos lembra Certeau sobre o feito de Calvino, articulam essas histórias, restauram e escutam as memórias e as boas novas das ruas, das curvas, das esquinas, das alamedas, dos equipamentos que integram as cidades, "esses gestos, essas narrativas repletas de capacidades criadores e do estilo inventivo" (CERTEAU,2005, p. 200), participam da elaboração da cidade dos sonhos, e, dos sonhos, às cidades possíveis. Isso acontece quando aquele que desenha o espaço habita a cidade. Habitar é narrativizar, bricolar essas vozes e imagens da cidade dos sonhos.

As cidades são discursos que se interconectam e se complexificam em redes discursivas; se as cidades têm algo a dizer para além daqueles que as planejam, elas também são currículos. Currículos em disputa pois, conforme salienta Bonafé: "currículo é um modo de falar, uma linguagem com a qual se nomeia a experiência social, mas também com a qual se constrói a experiência contextual e subjetiva de cada um". (BONAFÉ,2022, p. 9).

A pandemia tem sido uma oportunidade para pensar acerca do vazio que foi produzido diante da necessidade do isolamento nos grandes centros e nas escolas. O que esses vazios nos ensinam, o que podemos apreender do vazio? Não estavam de todo mudas, apenas o silêncio se fazia mais alto que os sons de contextos vividos e às vezes até pouco reconhecidos de imediato pela falta da contraposição. Da fartura de sons, ruídos e de silêncios muitas vezes que são impostos para este ou aquele habitante, mas escapam. Silenciamos nessa ou naquela zona, mas sempre escapam, não importa a muralha, principalmente para aqueles que ainda tem a audição de longa distância.

É possível pensar, sobretudo, nas janelas as quais nos debruçamos num grande exercício de lançar as vistas e os ouvidos às distâncias bem maiores do que dão às vistas e os ouvidos e pensar sobre como temos retornado às ruas; algumas vezes, até feito estouro de manada, em que não se enxerga e se ouve apenas estrondos de tanta sede de sonhar a cidade. Essas leituras e escutas se interpõem quando pensamos a cidade, a cidade como currículo; os habitantes que são os autores desses discursos curriculares tencionados nos fluxos de poderes que tentam falar a mesma língua, os praticantes que em gestos e linguagens diversas vão *bricolando* mensagens ruidosamente ou articulado de outros modos, incompreensíveis para alguns ouvidos mocos.

Pensando novamente em nossas escolas, nesse retorno escolar pós-pandemia, nos seus arredores e nos trânsitos que fazemos entre nossa morada e a escola, ou, entre o trabalho na fábrica ou no comércio, tendo a cidade como uma poderosa narrativa sobre nós, sobre os mundos, sobre o que se passou e o que se passará, por entre as ruas, vamos percebendo seus significados, falando ou escutando, feito pontos móveis. Imagens e sons, '*audiovisualidades*' que narram também outras escolas. Com que sons podemos ocupar esses pátios, as salas de aulas, que interações podem surtir novos fluxos na comunidade escolar.

Esse é um convite a '*ouvirlalarpensar*' em bom som, em longas distâncias, mesmo perto presente, nesse retorno, narrativas de muitas

camadas. Que imagens vocês trariam para compor essa paisagem *dentrofora* da escola? E os sons? Com qual pássaro você se identificaria para compor uma melodia?

Deixe aqui, neste link: <https://vocaroo.com/> após gravar é só mandar para o email de um dos autores.

Referências:

BONAFÉ, Jaune. M. El Discurso de La Ciudad Como Currículum de La Vida. *IN-Cidades Educadoras: o desafio da construção de outro. Revista Vagalumear. V.02, N.02,2022.*

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. 2. Morar, cozinhar. Editora Vozes. Petrópolis. 2005.6ª Ed.

GEHL, Jan. Cidades Para as Pessoas. Ed. Perspectiva Ltda.2019. SP

FILHO, Aldo Victorio et al. Cultura Visual: cidade, artes visuais e educação. In. FILHO, Aldo Victorio. Educação e audiovisualidade. Curitiba: 2018. Appris editora.

Sobre os autores:

FERNANDA CAVALCANTI DE MELLO- Jornalista e professora. doutoranda em Educação FFP-UERJ. Integra o grupo de pesquisa Currículos cotidianos: Redes educativas, imagens e Sons e supervisiona o Podcast com o grupo, Cotidianos e Currículos.

BRENO FELIPE ARAUJO DE OLIVEIRA GOMES- Graduado em Licenciatura em Artes Visuais pela UERJ. Mestrando em educação ProPEd-UERJ. Integra o grupo de pesquisa: Estudos Culturais em Educação, Arte e Saúde do Instituto de Artes-UERJ.